



Uma casa para vítimas das cheias de Moçambique. Com ajudas futuras, esperamos aumentar a sua área para o dobro — 6x6m. Trinta e cinco delas, doadas pela Cáritas, de Lisboa.

ENCONTROS EM LISBOA

Não estive desatento

PARA que não se pense que estive muito distraído, gostaria de dizer que, depois do falecimento de Padre Horácio, contemplei a bondade de Deus e disse-Lhe um muito obrigado pelo dom do Padre Custódio e do Padre Manuel Mendes. Sinto, por vezes, que estamos algo gastos e a necessitar de um companheiro para a nossa beira, porque, puxar sozinhos este maravilhoso fardo, torna-se um pouco doloroso. Deus lá sabe e, como no tempo de Abraão, Ele providenciará, se, entretanto, não ficarmos no fundo da montanha embalados na nossa sonolência, nas nossas dúvidas, nos nossos escrúpulos, nos nossos pensares miudinhos do quanto se ganha e quanto se perde. São precisos aventureiros que subam à montanha. Quando olho para os jovens e, sobretudo, para os que se encontram nos Seminários, sinto que lhes faltam profetas capazes de indicar o caminho da montanha. No entanto, cansamo-nos de ler a Bíblia e: o Calvário situa-se num monte, as Bem-Aventuranças deram-se num monte, foi num monte que os Mandamentos da Lei foram dados a Moisés, e foi também a um monte que Abraão se dirigiu com seu filho amargurado porque perdia tudo, mas tudo encontrou.

Também não estive desatento aos desvarios da nossa praça política. Foi a legalização da droga. Fazem-se leis sem se ter sequer orçamento para as implementar, criando novos centros, especialistas, acompanhamento. É uma lei que, mais uma vez, favorece o rico em desfavor do pobre. Os senhores do ter, mais uma vez, para as suas desandanças, tentam encobrir-se com a desgraça daqueles que nunca chegarão a ter porque não lhes foi dada a oportunidade do ser. Se é certo que o consumidor não é um criminoso, também é certo que a ocasião faz o ladrão e que o facilitismo corrompe na ascensão para o ser-se homem.

Assisti igualmente a todo o frenesim respeitante aos assaltos a bombas de gasolina, feitos por menores, em grande parte. Infelizmente, são os menores que têm a vida «tramada», mas não são eles os verdadeiros e totais responsáveis. Onde estão os pais? Quais as condições em que vivem ou viveram? Como foi a Escola? Perspectivas de profissão? Na resposta a estas questões aparece, muitas vezes, o vazio, o nada. Crianças e jovens que cresceram sem apoios, entregues a si e a todo o nosso mundo da concorrência e do ter sem limites... Cultura

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Um Encontro

DEIXAR para o fim-de-semana, como tempo alongado para escrever, é muitas vezes impraticável. Durante uns meses foram os incêndios que nos roubaram o tempo. Agora, que tudo arde à nossa volta, são outros problemas. Não como o de hoje que posso acompanhar de perto, a descarga de dois dos cinco camiões de capim para cobertura da Capela, que desde o almoço, decorre vai em quatro horas seguidas. Mas o das visitas que tanto apreciamos, por vezes, umas a seguir às outras, a quererem ver e ouvir tudo sobre a Casa, a Obra, os Rapazes, e se vão já noite...

Importa falar da que tivemos, vai em quinze dias. Decorreu em Maputo um Encontro da Comissão Pontifícia Justiça e Paz e da Cáritas dos países da América Latina e África. Vieram cinquenta delegados, sendo

metade Bispos e, os restantes, Padres e alguns Leigos. Antes do encerramento do Encontro, realizado no campo coberto de Machaquene, com Celebração para toda a Cidade, quiseram vir a Boane e Massaca onde decorre o assentamento das famílias que ficaram sem abrigo devido às inundações.

Em Boane foram recebidos pela Cáritas diocesana e autoridades locais. Com discursos, danças e teatro alusivo ao drama das inundações, a visita demorou.

Chegaram tarde à Massaca, e semi cerimónias, mais à nossa maneira, visitaram algumas casas onde foram recebidos pelas famílias já instaladas, no Bairro de Quatro Caminhos. Esta designação é homenagem à terra galega, da nossa professora de Enfermagem, a Maria-José, que de pronto acudiu para levantarmos trinta casas. As restantes trinta e cinco,

são da Cáritas Portuguesa. Daí passaram ao Centro de Apoio, onde pensosamente as crianças aguardavam os visitantes, há quase duas horas. Depois de apreciarem as suas canções e ouvirem uma palavra sobre o funcionamento daquele Centro, passaram rapidamente pelo refeitório, para um refresco, chegando toda a comitiva a nossa Casa já bem de noite, pelas seis horas daqui. Nem tempo houve de lançar um olhar pela Aldeia, porque a finalidade era a Celebração Eucarística que o povo da Massaca e os nossos rapazes há muito esperavam. Na previsão da demora havia holofotes instalados pelo nosso electricista Zé Manel, antigo gaiato, e deixados pelos *Medicus Mundi* quando regressaram a França, terminada a assistência às vítimas das inundações no Chocwé.

Continua na página 3

África

CARTA de um Amigo e irmão no sacerdócio que conhecemos em Malanje quando lá principiámos a Casa do Gaiato em 1963, diz-nos do nosso Jornal: «É por ele que se vai sabendo alguma coisa do que se passa por Angola. Deve ser muito doloroso ver tantas necessidades e não ser possível socorrer... Quando será que aquele Povo pode viver em paz?»

Aquela afirmação e esta pergunta animam-nos a teimar no tema, mesmo sem sabermos o que vamos dizer, pois que o nosso Jornal não se faz de reportagens eventuais, senão da transcrição da vida que brota exuberante e são do Deus bom que a criou e se torna tão sofrida pelas maldades dos homens. Saber que se morre de fome numa terra que poderia sustentar um Povo, dez vezes mais numeroso do que tem, é um conhecimento revoltante, e imperdoável se o calássemos.

As crónicas dos nossos Padres em África são gemidos de quem convive e compadece tais dores. Tão fecundos têm sido no contágio da sua aflição a tantos dos nossos Leitores que só assim se explica a reconstrução das nossas Casas em Angola e a construção de raiz em Moçambique e o bem tamanho que por lá vão espalhando,

limitado, somente, pelos dois únicos braços que cada um tem. Houvesse já a Igreja em Angola acordado em vocações; houvesse «tocados» por esta revolta que os transformasse em obreiros da paz — e não seria por falta de meios que se não ampliaria o bem que se vai fazendo! Mas mais do que este bem visível em actos com expressão material, o importante era aumentar a falange dos contagiados, por sua vez agentes de contágio para aquele Povo tão passivo na sua imensa desgraça e do qual, ao fim e ao cabo, tem de partir a exigência de paz, alicerces de todo um recomeço para «o projecto da Nação Angolana, (...) do rumo que o País deve tomar em relação ao futuro».

Moçambique já nos deu um Padre que, justamente, tem consagrado as primícias do seu sacerdócio em serviço em Angola. Ele nem teve tempo de celebrar Missa Nova na sua terra natal! Este sacrifício fortalece-nos a esperança de que ele não será simplesmente mais uma unidade em acção, mas que há-de ser semente de que, a seu tempo, não-de germinar muitos outros. Moçambique bem precisa! A Norte de Maputo há mais de dois mil quilómetros de território e

necessidades gritantes e povos diversos, na expectativa de quem lhes pertença integralmente e sem condições.

Na minha lembrança acordou o eco daquela palavra de S. Vicente de Paulo que D. António Ferreira Gomes tomou como tema da sua homilia na ordenação do Padre Manuel António: «O Povo é de quem o ama e mostra que o ama». Amar sem mostrar corria o risco de incomunicabilidade. Mostrar sem amar... era um fingimento — e a mentira só de ruínas pode ser alicerces. Amar e mostrar são os dois verbos que integram a realidade da verdade. Foi assim com Vicente de Paulo, com todos os Santos... nomeadamente aqueles que gastaram a sua vida como Pastores.

O GAIATO! «Por ele se vai sabendo alguma coisa do que se passa por Angola»... Vai-se sabendo... e muitos do nosso Povo vão remindo um pouquinho da dívida imensa que Portugal tem a esses Povos que abandonou tão indignamente.

Alegra-me que o Jornal possa ser instrumento de redenção concomitante à informação que dá. É o nosso Povo em correspondência com os Povos de lá, dizendo sem palavras, mas com obras, que somos, de verdade, irmãos. O nosso Povo, amando e mostrando que ama, merece o cantinho que ainda tem nos corações de lá. O Povo! Que os políticos só têm palavras que o vento leva!

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ALCOOLISMO — Desde que principiámos a aliviar a cruz dos Pobres, topámos uma doença que muito nos impressiona — o alcoolismo.

A fome d'álcool evoluiu e as bebidas são cada vez mais aliciantes. Mal que anda a par da droga.

Alguns doentes passam pelas nossas mãos: os mais humildes, cujos salários, ou parte deles, são gastos ao balcão, frente ao copo. É um grave problema social!

Visitamos dois irmãos, alcoólicos. Trabalha um, algures, no grande Porto. Ela é pensionista da Segurança Social. Vivem, ambos, em casa alugada, sem as mínimas condições de habitabilidade, pois nem tinham uma simples latrina! Até há pouco serviam-se de uma mina seca, em pleno monte...!

Já construímos a retrete! Remendámos o soalho da casa. E o trolha compôs o telhado, pois vem lá o Inverno...

Curiosamente, os dois irmãos deram graças a Deus pela oportunidade da obra, com um sorriso nos lábios, numa altura em que ambos não cheiravam a vinho: — *Damos graças à Senhor pelo bem que nos fizeram.*

As vicentinas tratam da roupa. Servem o alimento. E estão presentes na hora do tratamento à doente. Há muito que o enfermeiro exigia melhor soalho... Já o tem. Não contesta mais.

A FOME NO MUNDO — Promovido pela FAO (Agência das Nações Unidas para a Alimentação) é celebrado todos os anos, a 16 de Outubro, o *Dia Mundial da Alimentação*, desta feita com arrojado tema: «Um milénio livre da fome».

A FAO acentua que «para libertar deste flagelo o novo milénio, devem ser empreendidas acções urgentes em várias frentes: não é suficiente garantir durante um ano alimento às populações famintas; é preciso agir sobre as causas da pobreza para definitivamente eliminar a fome do Mundo».

Segundo a FAO, «eliminar a fome exige, entre outras coisas, que aumente a produtividade agrícola e o rendimento das comunidades rurais; que seja facilitado o acesso aos produtos alimentícios; e que se torne possível uma participação justa, por parte dos países em vias de desenvolvimento, no comércio global».

Considera ainda o Organismo das Nações Unidas «que a fome retira força e esperança às pessoas e impede que as nações prosperem e vivam em paz. Entre outras consequências, a fome e a má nutrição diminuem notavelmente as capacidades de aprendizagem das crianças e custam aos paí-

ses em vias de desenvolvimento mais de 128 biliões de dólares, por ano, apenas em termos de menor produtividade».

Os últimos dados demonstram que, «na primeira metade dos anos noventa, o número de pessoas famintas, no Mundo, diminuiu; em média, oito milhões por ano. Mas, para alcançar a meta estabelecida em 1996 pela Cimeira Mundial sobre a Alimentação, reduzir em 50% o número de pessoas famintas até 2015, esse valor deveria ser o dobro, ou seja, menos 16 milhões de Pobres por ano».

Em 16 de Outubro estiveram representados na sede da FAO, em Roma, pelo menos 50 países estudando iniciativas tendo em vista diminuir o flagelo da fome no Mundo.

PARTILHA — Juncal (Porto de Mós): «Escrevo em nome de minha mãe, assinante 47307, que hoje faz 88 anos e quer enviar uma lembrança para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, pequenina ajuda de 20.000\$00, em acção de graças à Família de Nazaré».

A remessa habitual da assinante 31104, de Lisboa, com problemas no imóvel que habita, há já muitos anos. Deus a proteja.

Assinante 68430, de Mafamude, Vila Nova de Gaia: «Sou ainda um jovem. Gosto imenso de ler O GAIATO e levo-o para o meu trabalho, para que os meus colegas o possam ler também — se o desejarem. Pelo vosso Jornal ficamos a conhecer os muitos Pobres que, infelizmente, ainda existem no nosso pequeno País e que tarda, em muitas coisas, a não sair da pobreza. Junto um cheque de cinco mil escudos para uma família que necessita de alimentos para os filhos e remédios para os doentes que não podem trabalhar». Admirável, o sentido cristão deste jovem!

Cinco mil, da assinante 66345, de Coimbra, com muita, muita discrição.

Idem, da assinante 66677, de Lisboa, «para qualquer necessidade urgente de um Pobre».

Passaram por cá, em peregrinação, duas Amigas: uma, de Santo Tirso, com sete mil; outra, do Porto, idem, lembrando ao Senhor alguns familiares.

Mais quatro mil, de S. Domingos de Rana, pela mão da assinante 71939.

Mais um donativo, do assinante 39172, de Santa Maria da Feira, «para ajudar naquilo que for mais necessário». São tantas coisas!

E ainda mais um cheque, de cinco mil, que desejava fosse de cinquenta mil, «para superar tanta carência, não sendo justo que se gaste tanto em boémias» — afirma a assinante 16803, de Loures.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

PADRE HORÁCIO — No dia 17 de Setembro tivemos o Encontro Anual com os Antigos Gaiatos e também fizemos uma homenagem ao nosso querido Padre Horácio. Estiveram presentes e presidiram à Missa os Bispos de Coimbra que não deixaram de lembrar algo do passado do Padre Horácio.

Foi levantado um medalhão em sua homenagem e para não nos esquecermos dos seus 50 anos de Padre ao serviço da Obra da Rua.

O tempo que restou foi de convívio com os Antigos Gaiatos.

RETALHOS DE VIDA

Célio



O meu nome é Célio Cristiano Rodrigues Ribeiro.

Nasci em S. Cosme, Gondomar, no dia 4 de Junho de 1990.

Na casa onde eu vivia, estava lá também a minha mãe, a minha avó e a minha tia, doente.

Conheço a minha mãe, mas não conheço o meu pai...!

Eu portava-me mal, na Escola da minha terra. E andava por lá... com a minha mãe até à noite.

Estou a estudar no terceiro ano da Escola.

Aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, os meus tempos livres são para apanhar papéis, varrer as ruas da nossa Aldeia e brincar.

Quando for grande gostaria de ser pasteleiro.

Célio Ribeiro



PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Já terminou! Foi uma grande diversão para todos os que deram o máximo de si próprios e que merecem todo o nosso mérito.

ESCOLA — Os rapazes, ultimamente, chegavam muito tarde às aulas porque andavam a dar umas voltas. Por isso, levaram como prémio uns bons castigos. Esperamos que não cheguem mais atrasados...

CARAS NOVAS — Vieram três moços. Dois, para ver se querem ficar em nossa Casa. O outro, é de Moçambique. Tem cá um irmão, conhecido por «Bonga». Ele passou a ser conhecido por «Bonguinha». É um rapaz muito divertido!

FUTEBOL — No dia 1 de Outubro defrontámos os mais novos, que fizeram uma demonstração de como se joga futebol!

Quem dera que todas as equipas jogassem com a calma deles. Mas, infelizmente, perderam!

Os mais novos são o nosso futuro como jogadores da equipa júnior.

«Martelo»

◀ Luísa Maria, filha do Manuel Pinto, e Jorge Alexandre Mota, casaram na igreja paroquial de Paço de Sousa.

É o João Miguel, filho de Ana Paula e Vítor Pires, de Paço de Sousa. ▼

LAVOURA — O milho que tínhamos nas terras foi colhido e também desfolhado. Agora, está de novo a secar para depois ser descamisado.

Na nossa horta semeámos nabos, que estão a crescer; uma boa quantidade. Na outra metade semeámos couves, já em crescimento.

ANO LECTIVO — O ano lectivo começou e os rapazes estavam radiantes com o primeiro dia de aulas para fazerem novas amizades, para «matarem» saudades de velhos amigos e, sobretudo, para enfrentarem os desafios do ano escolar que começa.

Para o Lar de Coimbra foram poucos, mas com grande vontade de aprender e estudar para que, no futuro, consigam atingir os seus objectivos.

PRIMEIRA COMUNHÃO — Nestes últimos dias o Padre Francisco confessou-nos e esteve com os rapazes que vão fazer a primeira Comunhão para lhes falar sobre o assunto e prepará-los para isso mesmo.

OBRAS — Estão a ser feitas em torno da nossa Casa. Eram necessárias, pois as estradas estavam muito más. Será feita uma nova rotunda e a estátua de Pai Américo ficará no centro.

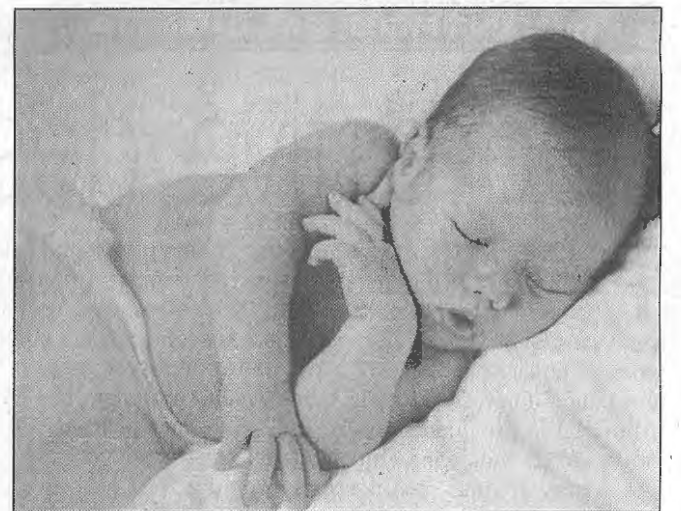
A estrada, em redor da nossa Casa, já foi preparada e alcatroada.

João («Pequeno»)

SETÚBAL

ÂNGELO — Esteve conosco, a passar uns dias de férias, o Ângelo Cafivela.

É tropa e foi para Timor em



Julho. Agora, veio de férias. Gostámos muito de o ver e ele do mesmo modo. É aqui a sua casa e tem cá mais três irmãos.

Por ser muito negro, a malta chama-lhe o «Guiné».

Como anda a tirar a carta, aproveitou estes dias para ir às aulas de condução e ajudar na serralharia, pois é serralheiro.

MILHO VERDE — Os pequenos, depois da Escola, das quatro e meia da tarde até às seis, debulham o milho verde. São espigas que a gente colhe no milheiral antes de ser cortado para a silagem.

É muito difícil debulhar! Congelamos milho verde para todo o ano.

CAMPO DE FUTEBOL — Temos tido o nosso campo atrapalhado por causa dos esgotos que passam por baixo e se entupiram. O Fernando já escavou à procura de uma caixa de limpeza e ainda não a encontrou.

Temos de marcar bem o sítio para quando o esgoto tornar a entupir não haja dificuldades.

Repórter zero

TOJAL

ESCOLA — Iniciámos mais um ano lectivo. Esperemos que todos tenham bons resultados no final do primeiro período.

Acho que entraram com o pé direito e dispostos a cumprir os deveres...

JARDINS — Caíram as primeiras gotas de chuva. No entanto, pegámos nas mangueiras e guardámo-las, pensando que a chuva se encarregaria de regar os canteiros durante algum tempo. Mas, quando demos por ela, os jardins começaram a secar por falta de água!

GADO — Para o nosso prato do dia foi abatido um boi, que fracturou uma pata. Como no dia seguinte era feriado, teve de ser abatido de emergência para não sofrer.

CANTINHO DAS SENHORAS

«Muitas graças, Senhor, por terdes enriquecido a Obra da Rua com o brinde de mais dois novos sacerdotes.»

Ditosos sois vós, Padre Custódio e Padre Manuel Mendes, por serdes dignos de Deus vos chamar para esta Obra que tão carenciada estava desta Graça!

Vindes para junto destes filhos de ninguém, no dizer de Pai Américo.

Vindes em nome de Deus tomar a vosso cargo o futuro destes rapazes, a fim de os ajudardes a serem homens de bem. Muitos só conheceram a rua e os seus frutos. Precisam de carinho, paciência, orientação e muita oração.

Bem haja o Senhor que nunca desampara aqueles que a Ele recorrem com amor e confiança.

Sois bem-vindos. Apesar dos meus anos, continuo com o coração na Obra depois de mais de trinta anos de trabalho efectivo. A recompensa do Senhor é grande.

Queira Deus que mais almas de boa vontade vos sigam e se entreguem a estas crianças e jovens.

Helena Figueira

PENSAMENTO

Os Pobres compreendem o Pobre e sentem o seu viver.

PAI AMÉRICO

POMAR — Já colhemos as maçãs. Os dióspiros estavam deliciosos. Esperamos que para o próximo ano tenhamos maior colheita.

BICICLETAS — Os nossos companheiros estão contentes porque começou a época das bicicletas, graças ao nosso mecânico — o «Grego» (Hugo).

FUTEBOL — Finalmente, começámos a ter adversários à nossa altura, que foram para casa um pouco aborrecidos porque derrotados.

Quem nos quiser desafiar para uma *futebolada* (a todos os escalões), faça o favor de contactar-nos pelo telefone 21-9738670. Falar com o Renato.

Abílio («Pequeno»)

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

PADRE HORÁCIO — No dia 17 de Setembro, como estava programado, juntámo-nos em Miranda do Corvo para o Encontro Anual e a preparada homenagem póstuma ao nosso Padre Horácio. Tudo decorreu satisfatoriamente.

A presença dos Bispos da nossa Diocese, bem como do nosso Padre Carlos, deram à festa alguma solenidade. A comparência de colegas e suas famílias também foi em número agradável. Registámos ainda a presença de familiares do homenageado e representa-

ções das Associações de Lisboa e do Norte.

A Missa, celebrada pelos Bispos e Padres presentes, teve o seu ponto alto quando os Prelados enalteceram a pessoa e obra de Padre Horácio.

Seguiu-se o descerramento da efígie, em local devidamente preparado. O Senhor D. João presidiu ao acto e o nosso Presidente proferiu algumas palavras alusivas à homenagem.

O almoço foi oferecido pela Casa do Gaiato e confeccionado por D. Lurdes com a ajuda de esposas de antigos gaiatos. Aliás, já no dia anterior estiveram na cozinha. Decorreu tudo com normalidade. Estava no ponto certo. Todos gostaram da ementa, e nem faltou arroz doce...

A merenda fechou o dia festivo. Bem fornecida. Incluindo fêveras assadas na brasa e um pipó de vinho dum colega, bem como garrafas e garrafas de outros. Bolos e outras iguarias. Não se conseguiu consumir tudo! O resto ficou guardado na Comunidade.

Agradecemos aos colegas que contribuíram, até monetariamente, para as despesas; à Comunicação Social de Coimbra que divulgou o Encontro; ainda à MacDonald's (Coimbra) que ofereceu balões e outros brinquedos; não esquecendo o habitual empréstimo dos tabuleiros dos Serviços Sociais da Universidade, para o almoço.

Obrigados. Esperamos pelo próximo ano, se Deus quiser.

ASSEMBLEIA GERAL — As eleições não se puderam concluir por discordância de alguns eleitores em relação a alguns elementos propostos. Ficámos tristes e espera-

Continuação da página 1

onde o esforço individual é desvalorizado e tudo é usufruir o prazer. Será que acordamos para a problemática da educação como um esforço conjunto e conjugado onde existem valores, normas, afectividade, mas igualmente autoridade? Estes são os frutos do deixar correr, da não prevenção atempada, dos jogos da burocracia, das muitas reuniões dos técnicos superiores especializados que deixam passar o tempo útil para uma intervenção...

Entretanto, o Verão decorreu. Foi a alegria das

ENCONTROS em Lisboa

férias. O Cláudio, com doze anos de problemas, dizia-me que o mar era muito bonito e que só o tinha visto uma vez, apesar de morar a menos de vinte quilómetros desse espectáculo da Natureza.

De um momento para o outro, encontramos nos mer-

gulhados no início das aulas. Esperança num ano que se quer para crescer no saber, a fim de se ser mais e entender melhor o nosso mundo. Um mundo com todos os seus segredos e encantos, mas também os seus penosos caminhos da cruz. Para alguns rapazes

será o ultrapassar de problemas que se viveram, surgindo no horizonte outros rapazes que começam experiências semelhantes. É preciso estar sempre atento a este desenrolar maravilhoso e apaixonado da vida.

Padre Manuel Cristóvão

Moçambique

Continuação da página 1

O interior em anfiteatro da nossa Capela estava fortemente iluminado e repleto. O colorido das capulanas, a coreografia do canto, o brilho das vozes davam sentido àquela alegria de festa que enriquece as Liturgias do Terceiro Mundo e está de todo ausente na velha civilização cristã. Como é normal, os cânticos dançados, alguns com toda a assembleia, incluindo os Bispos, irmanando a todos em comunicativo júbilo, belissimamente exprimiam a harmonia da Justiça e da Paz, entrelaçadas na Caridade. E a Igreja assumida pelos Bispos de tantos povos e misticamente simbolizada nos muitos grãos de trigo, triturados para se tornarem pão, oferecido na pedra do nosso Altar, aqui, em nossa Aldeia de rapazes da rua, se fez pregão vivo da Justiça, da Caridade e da Paz.

Foi uma Celebração verdadeiramente Jubilar, como não teremos outra. Mais ainda para nós, Obra da Rua, que tem desenvolvido, não só nos rapazes, mas também junto das populações onde vivemos, um esforço pela sua promoção e dignificação, ajudados pela caridade de quantos nos têm acompanhado ao longo destes nove anos.

Padre José Maria

mos, oportunamente, mexer no assunto e dar conhecimento. Entretanto, estamos em reflexão.

Manuel dos Santos Machado

BENGUELA

ROUBO — Roubaram-nos perto de meia centena de cabeças do nosso lindo gado bovino. Ai, o nosso orgulho! Não entendem o que é a nossa Casa?! Dizem que o roubo está ligado à guerra...

Graças a Deus, conseguimos trazer de volta algumas vacas leiteiras que continuam a ser tratadas com o mesmo amor, de antes, juntamente com outros animais.

CAMPO — Aprontou-se a batata e estamos a meio da colheita. Nos campos estão alguns trabalhadores. É uma grande rapaziada ultimando a colheita. Entre o trabalho e as traquinices mostram um teatro vivo e fazem as alegrias do campo. Também faz parte do cenário a batata à mesa, misturada com tomate, que é o sol nascente reflectido em nossos semblantes. A nossa maior alegria não está no que nos há-de entrar hoje, mas, sim, no saber que este sol que nasce e banha a sala de jantar foi regado com o nosso suor. Alguns dias antes, desenterrámos a cebola da nossa quinta.

OFERTAS — Foi-nos dado, pela Sonangol, equipamentos de informática que já estão montados. Falta-nos, tão-só, começar a usá-los. Um bem para nós, um complemento à

nossa formação académica — que é prioritária. Tem um sublime significado para nós esta oferta já que nos mete no mundo da modernidade. Juntamente a estes equipamentos vieram outros aparelhos electrónicos. Agradecemos a oferta.

Lilito

A EXPERIÊNCIA DO PADRE CUSTÓDIO — Ninguém pensava termos um Padre africano na Obra da Rua.

Os três meses que esteve aqui, foram muito bons para nós. É paciente.

No meu pensamento sempre dizia que ser Padre da Obra da Rua não é fácil, mas é preciso um amor de pai e vocação.

Logo a primeira *Missa nova*, em que todos participámos, foi muito alegre. Mas a parte que nos chocou muito foi a homilia

quando disse que não era Padre da nossa Casa do Gaiato de Maputo, mas da Obra da Rua.

Ele tinha pensado que a festa da Missa nova, e sendo o primeiro africano, já tinha acabado. Mas, aqui, em nossa Casa de Benguela, queriam saber muita coisa acerca dele. Um de nós, muito curioso, fez uma pergunta importante: — Como se sente, ser o primeiro Padre africano?

Naquele momento, muito exaltado de alegria, não tinha resposta para dar.

Gostámos muito da sua atitude e do seu modo de ser em nossa Casa. Tratou dos nossos problemas, principalmente escolares, e sempre dizia que é preciso caminhar e crescer para mudar de vida quem tem de levantar-se.

Quem dera um Padre tão bom como o Padre Custódio, ser da nossa Casa do Gaiato de Benguela a ajudar o nosso Padre Manuel António!

A sua despedida foi muito sentimental, última Missa de Acção de Graças. Não nos conseguiu dizer que ia para Malanje porque o sentimento que sentia por nós era já demasiado.

Mas com a sua grande coragem e os olhos encharcados com lágrimas de sentimento, disse que o primeiro amor é que marca alguém. Isto queria dizer que além da Casa do Gaiato de Maputo, a Casa do seu nascimento de Padre da Obra, a Casa do Gaiato de Benguela já não a vai conseguir esquecer.

Temos mais uma esperança do Padre Custódio em nossa Casa. Rezemos para que caminhe com muita vontade no coração de pai que sente pela Obra da Rua. Obrigado.

Cláudio



Antigos gaiatos de Malanje, reunidos no Lar do Gaiato de Coimbra.



Rés-do-chão só com cobertura de placa, que a família espera aumentar com um andar...

SETÚBAL

Dois acontecimentos

ESTA quinzena foi marcada entre nós por dois acontecimentos dignos de realce:

1. A visita de um número grande de Amigos, de Castelo Branco, que se deslocaram até nós para servir e rezar: duas actividades muito na linha da Obra da Rua. A nossa vida é um contínuo serviço aos mais pobres, diariamente, sem qualquer interrupção, sem sábados, sem domingos e, quase sempre, sem horas para comer.

O nosso recreio e descanso restringem-se ao tempo da oração e de dormir que é curto.

Vieram, de tão longe, para comungar connosco a mesma devoção.

Pelo telefone avisam-nos que não fizéssemos comida... que nos queriam servir. Traziam ainda a intenção de fazer limpeza ou colaborar connosco em mais algum trabalho urgente e acessível.

O tempo foi pouco para rezar, comer e conviver!... Na oração lembrámos ao Senhor e a nós próprios as almas de outros Amigos já da *Terra dos Vivos*: a D. Maria do Rosário e o Padre Horácio.

A primeira por ser acolhedora principal dos gaiatos que àquela cidade levavam e distribuíam o nosso Jornal e uma grande pregoeira da Obra da Rua. Ansiosa senhora, a vibrar continuamente com todas as iniciativas de qualquer Casa, a ajudar com as suas poupanças pobres e a animar-nos pelo telefone com pala-

vas encorajadoras. Sofria com as nossas dores e alegrava-se jubilosamente com os êxitos de que se apoderava.

O Padre Horácio levou a mensagem e a inquietação do Evangelho vivido em nossa Obra ao coração da Beira Interior com a distribuição d'O GAIATO e as Festas dos rapazes.

Com que elevação e ardência me falaram deste Padre da Rua! Quanto bem lhes fez com a simplicidade e o empenhamento em cada Festa e o entusiasmo contagiante com que, no fim, no meio dos rapazes, lhes dirigia a palavra.

Jamais, me disseram, poderão esquecer a Fé do Padre Horácio e a força transmitida à sua própria Fé.

Duas pessoas — prato delicioso do nosso convívio e estímulo vivificante do caminho para Deus!...

Da comum partilha, serviram-nos o almoço e a merenda e deixaram comida para o jantar, mais 417.230\$00.

2. O Retiro dos nossos rapazes.

Sempre foi importante para toda a gente fazer um Retiro. Hoje, no entanto, tornou-se uma necessidade fundamental, quase indispensável para jovens e adolescentes.

Descobrir pessoal e individualmente as razões porque se vive; encontrar-se cada um na actual fase da vida e saber avaliá-la e avaliar-se na presença de Deus, é um exercício essen-

cial à maturidade do adolescente e do jovem.

Com a crescente banalização dos valores do homem levada a cabo pelos *mass media* que reduzem a pessoa ao bruto, e o ambiente cultural criado, cada vez mais retrógrado, o adolescente, o jovem e o adulto necessitam absolutamente de se recolher na meditação, na oração e no confronto com o Homem Perfeito — Jesus Cristo.

Todo o Retiro toca sempre estes pontos capitais, mas é também um tempo de afervoramento no ideal e nos compromissos connosco, com os outros e com Deus.

Nas Casas do Gaiato nunca se dispensaram, pelo menos uma vez em cada ano.

Nesta quinzena, no paradisíaco ambiente da nossa Casa da Arrábida, no silêncio e na elevação que ali são excelentes, dois grandes grupos de rapazes nossos, livre e voluntariamente, fizeram o seu Retiro.

No primeiro fim-de-semana de Outubro, os mais novos. No segundo, os mais velhos.

A organização contou com a ajuda de dois Padres, um em cada grupo, de uma excelsa viúva e uma família cristã. O apoio na cozinha, copa e refeitório foi dado pelos rapazes.

De mãos postas e coração elevado pedimos ao Senhor que fortaleça os nossos rapazes contra os atractivos fáceis e imediatos que a vida ilusoriamente lhes oferece.

Padre Acílio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Casos urgentes

A aproximação do Inverno e do nascimento de seu primeiro filho, trouxe até nós esta jovem mulher e esposa.

No tempo de solteira conseguiu amealhar algum dinheiro. Os pais do marido deram ao casal um pequeno terreno. Deitaram mãos à obra e edificaram um rés-do-chão só com cobertura de placa que esperam, no futuro, aumentar com um andar quando disso tiverem possibilidade.

Entretanto, as economias acabaram e não chegaram para colocar as portas e janelas da construção. Nem para fazer a casa-de-banho. Somente uma sala/cozinha e um quarto, mobilados com ajuda de instituição ao serviço dos Pobres, constituem as divisões da casa.

A tapar os espaços das janelas e portas do exterior, colocaram panos. Mas o frio, que se adivinha para breve, começa já a preocupar esta nova família, não só pelo casal mas principalmente pelo bebé que se prevê nasça em Dezembro.

É um caso a exigir resposta rápida. Dissemos que sim. Quando chegar o Natal, provavelmente

com seu filho dado à luz, estarão resguardados do frio e poderão celebrar o nascimento do Deus-Menino com maior alegria.

OUTRA família em grandes dificuldades. Há dois anos, comprou terreno com ajuda de financiamento bancário. Era já a obrigação de abandonarem a habitação rural que ocupam, que os levou à compra e a iniciarem a construção da casa-nova.

Esta foi subindo à medida das suas possibilidades. Mas os ganhos que entram no orçamento caseiro, não lhes permitiu chegar ao telhado.

O tempo para a mudança está a esgotar-se. A casa-nova terá de os acolher nos próximos dois meses.

Não ficará toda pronta. Mas com o telhado a abrigá-la e algumas divisões no rés-do-chão, poderá receber esta família de cinco pessoas, em condições mínimas.

Também aqui dissemos que sim.

Padre Júlio

Correspondência de Família

«Para um coração amigo, não há distâncias.»
Santo Agostinho

É com muitas saudades que envio este fax. Espero que todos estejam de boa saúde. Acredito que estão todos interessados em saber como vai a minha vida. Já não tenho malária; o quinino ajudou-me muito. Estou cheio de força e vontade de continuar a caminhar com os rapazes de Benguela que fazem parte da minha vida. Estou a crescer muito. Claro que começar é sempre surpreendente e exigente. Coloca-nos, de certo modo, numa insegurança e até nos dá sensação de incapacidade, mas é próprio da integração e adaptação; é passageiro. O que permanece em nós é a esperança.

Graças a Deus estou realmente a crescer muito. Aprendi e estou a aprender muita coisa, graças ao meu envolvimento na vida destes rapazes que de uma maneira muito especial marcam os meus primeiros passos como Padre da Obra da Rua. Cada dia que passa vou ganhando mais experiência e maturidade. O dia que me marcou bastante foi quando, na hora da oração, tentámos resolver o problema de um dos nossos rapazes e ele respondeu-me com palavras ofensi-

vas. Fiquei sem coragem para continuar e, chorando, fui para o quarto. E os rapazes foram encorajar-me. Isto é que acho muito bonito na minha experiência. Eles me fazem chorar e são eles que me consolam.

A Teresa também é uma boa companheira na caminhada. Ela tem muita experiência da vida e da vida da Obra da Rua e aprendo muito dela. Leio muito os livros da Obra e isso me ajuda a caminhar. Não sei quantas vezes li e reli o *Porta Aberta*. Essa leitura ajuda-me a caminhar na linha do nosso Pai Américo.

Gosto muito de estar aqui em Benguela. Fora do nosso País e do nosso Povo crescemos melhor. Estou feliz como Padre, sinto que não é fácil, principalmente quando faço tudo o que posso e no fim não vejo os frutos que esperava colher. Dói-me muito quando os rapazes se comportam mal, mas a oração tem sido uma ajuda consoladora.

É na oração que eu sempre peço a Deus para me dar força e coragem para continuar. Quero ser uma pedra firme com a qual Deus vai continuar a edificar a Obra que confiou ao Pai Américo.

Um abraço forte, do vosso muito amigo.

Padre Custódio

BENGUELA

Os filhos da rua aumentam!

LEVO em mim uma aflição muito grande que não pára de crescer. Os filhos da rua aumentam em vez de diminuir! Vejo-os, agora, ao colo de meninas adolescentes, apanhadas nas armadilhas da degradação moral reinante. Não há quem ponha cobro a esta situação. Amanhã, estarão na rua.

Ontem, ao fim da tarde, falei desta desgraça social aos meus filhos com mais de dezoito anos. Rondam os cinquenta. Falei-lhes com muita clareza. Disse-lhes que não quisessem a sorte que lhes coube para outros filhos, também. O futuro está nas suas mãos, se quiserem. A Casa do Gaiato abre-lhes a porta do caminho seguro. Prepara-os. O mundo e a sua filosofia têm outra linguagem, mais sedutora, talvez, criadora de rupturas e de fracassos. Não chega ao mais fundo da consciência dos jovens, onde se discute o fim último da existência; o sentido pleno da vida que

inspiração para falar desta maneira. Penso no lugar e no papel da mulher, menina, jovem ou adulta; autónoma e livre como o homem, menino, jovem e adulto. O lugar dela é o pedestal do amor terno e disponível, sempre ao serviço da vida. Apetece-me chorar quando a vejo de rastos, adolescente, jovem ou adulta, com seu filho dependurado de qualquer maneira; ou morto, antes de nascer, vítima inocente da maldade maquiavélica que se esconde por detrás de uma filosofia que apregoa a liberdade absoluta, mesmo contra a própria vida. Quero defender a verdade perante os filhos da nossa Casa do Gaiato. Eles também foram vítimas e não quero, com todas as armas de que sou capaz, que venham a ser réus.

A propósito, estou a lembrar-me daquele pai que, um dia, veio procurar-me por causa do seu filho de seis anos, rebelde, sem

carinho para com os pais, fugitivo constante da sua casa e da Escola. O pai queria acolher o seu filho em nossa Casa do Gaiato. Perguntei se era casado e tinha mulher. Disse que sim. Perguntei se a vida no lar era harmoniosa. Respondeu que era um campo de batalha. Perguntei se o filho, desde criança, viveu metido na confusão do lar e cresceu naquele ambiente. Que sim, mas, como era pequenino, não entendia nada. Fixei os meus olhos nos olhos daquele pai e disse-lhe: — Seu filho é vítima inocente e não é réu. O pai e a mãe são os verdadeiros réus. E comentava comigo mesmo: Os pais é que deviam ser internados e não o filho que actuou como um gravador de alta fidelidade e, agora, toca a música que gravou enquanto bebé e já crescido. Isto mesmo disse, ontem, Domingo, ao fim da tarde, durante a oração da família, aos meus rapazes mais velhos. E disse mais. Terminámos a nossa oração a cantar. Antes do jantar, alguns vieram dizer-me: — *Fale-nos mais vezes, assim*. Os filhos são capazes de ajudar os pais, se os pais ajudarem os filhos. Aprendi a ter mais fé neles e nos outros jovens também.

Padre Custódio partiu, há dias, para a nossa Casa de Malanje. Levou-nos em seu coração de Padre, mas deixou-nos o seu coração de irmão. Sempre unidos. Obrigados.

Padre Manuel António